

HABITAR OUTROS TERRITÓRIOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PRODUZIR UM NOVO PEDAÇO DE TERRA ATRAVESSADO PELA ESCRITA

Marta Elaine de Oliveira¹

Resumo: Este texto traz uma discussão acerca dos modos de habitar os processos de formação de professores de nossa atualidade. Problematiza a constituição de um corpo que não tem tempo e é atravessado por uma aceleração de informações e de situações escolares. Por vezes, em uma formação de professores, onde tudo parece estar acelerado, o mundo vai atropelando e é atropelado, o que se tem é oferecimento de um outro mundo pronto e dado. Sendo assim, questiona-se: como constituir um modo de habitar uma formação de professores que não sucumba a um sentimento, a um desencadeamento e a uma aceleração? As discussões são tomadas junto a Deleuze e Nietzsche, principalmente. Com esses autores, outras questões perpassam o texto: como se constitui um corpo que pousa na banalidade? Que formação ética-estética-política é reivindicada por uma escrita de uma banalidade? Episódios de sala de aula de formação de professores, em um curso de Pedagogia, são vivenciados junto ao texto como um modo de trazer à tona as banalidades produzidas em sala de aula. Assim, em uma escrita de banalidades o escrever tornar-se uma produção de um *ethos*.

Palavras-chave: Formação; escrita; banalidade.

Abstract: This text presents a discussion about the ways of inhabiting the teacher training processes of our times. It problematizes the constitution of a body that has no time and is crossed by an acceleration of information and school situations. Sometimes, in a teacher training, where everything seems to be accelerating, the world is run over and run down, what you have is the offering of another ready and given world. Thus, it is questioned: how to constitute a way to inhabit a formation of teachers that does not succumb to a feeling, a triggering and an acceleration? The discussions are mainly with Deleuze and Nietzsche. With these authors, other questions pervade the text: how does constitute a body that lands on banality? What ethical-aesthetic-political formation is claimed by a writing of a banality? Classroom episodes of teacher training, in a course in Pedagogy, are experienced alongside the text as a way of bringing out the banalities produced in the classroom. Thus, in a writing of banalities the writing become a production of an *ethos*.

Keywords: Formation; writ; banality.

Habitar outros territórios na formação de professores: questões no movente da escrita

Em uma formação de professores sem pouso, onde tudo parece estar acelerado demais, como dar conta desse mundo que vai atropelando e é atropelado, sem cair na tentação de oferecer um outro mundo, pronto e dado? Como produzir um habitar em um mundo no qual seja possível tornar-se sensível neste que se faz junto ao habitar?

Nesse mundo acelerado: tem-se ouvidos para ver? Tem-se estômago para escrever o que te afeta? Como tornar estranho o que já se tornou cotidiano? Como olhar para o que está na superfície e está a todo tempo demandando?

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE- UFJF).
E-mail: martaoliveirajf@gmail.com.

Diário de banalidades: tornar estranho o que já se tornou cotidiano ou dar mais tempo ao que solicita um pouco mais de tempo

Uma proposta que se intromete com a pesquisa em si², com um modo de fazer pesquisa. Que por isso questiona, sutilmente, um modo único de pesquisar. Escreve-se em um diário de banalidades, em um diário êxtimo³, em um diário de afetações, escreve-se e inscreve-se. Nele, uma língua que não é nem de dentro e nem de fora. Uma língua dentro de uma língua.

Uma materialidade: punhos e articulações em movimento. O que uma mão com um instrumento de caligrafia produz?

Escritas de movimentos. Escritas em movimento da pesquisa. Percebe as banalidades que se escondem em naturalidades. Nessa escrita clandestina, que produz uma ruptura em uma viagem imóvel, ao andar, ao gesticular, ao dar passagem aos afetos, à linguagem e ao estilo, têm-se seus olhos voltados apenas para o movimento. É o movimento que afeta.

Uma escrita cansada de passar por mesmas entradas, envereda-se no tempo da vida e segue viagem.

Uma formação de professores cansada de passar por mesmas entradas, reivindica novas paradas e pousos através de sua escrita em diário de banalidades.

Nada do que se escreve aconteceu. Simplesmente acontece, está acontecendo. Um contínuo tempo-espaço, um aqui agora, uma experiência-palavra.

Então, que realismo a palavra busca presentificar advindo de uma experiência?

Há muitas dimensões da realidade:

[...] o que vemos, o que sentimos, o que existe, o que inventamos, o que imaginamos, o que sonhamos, o que já não está e de que sentimos falta, o que acontece ou o que não nos acontece. Trata-se, então, de problematizar o modo como colocamos juntas as palavras e as coisas, a linguagem e o mundo, o inteligível e o sensível, o sentido e a experiência. (LARROSA, 2015, p. 112).

O real é o aqui agora, não sobe forma de representação, mas o aqui remetendo a uma temporalidade instantânea e o agora a uma espacialidade imanente. O aqui agora são junções de um tempo-espaço em uma imediaticidade, atualizado na experiência da escrita e com a escrita.

Um escrito que se torna um escrito primeiro, que não está, de forma alguma, preso em sua gênese descritiva, mas ao que o remete no aqui agora da experiência-palavra.

Nesse sentido, o que a palavra tenta? Tenta tirar a carne da experiência, dar-lhe um tom, um vinho, um brio? Quer nutri-la? Quer que se faça obedecer?

O que a experiência tenta? Fazer dos ossos o seu levantar, dar-lhe vida em palavras?

Que escrita escreve-se em um despojar-se de palavras?

Despojar-se de palavras não quer dizer não as ter, mas abrir mão de uma seleção, de uma verborragia. “As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de palavras.” (LARROSA, 2015, p. 16).

² A escrita em diário de banalidades faz parte da produção de dados da pesquisa de doutoramento da autora. A proposta é um exercício em formação de professores que traz, através da escrita, uma produção a partir do vivido em sala de aula, da observância em banalidades que se escondem em naturalidades na escola.

³ O termo diário êxtimo foi usado por Alcantara (2005) em sua tese de doutorado. A autora entende a produção do diário êxtimo como um “movimento para fora do imo” (2005, p. 77) e que se expressa “como confidente uma linguagem que trai, linguagem estridente do fora que hoje, posso dizer, só sabe desconfiar de si mesma [...] (BLANCHOT, M. L, 1980, p. 66 apud ALCANTARA, 2005, p. 123).

Para uma escrita que abdique de palavras seria necessário reivindicar um pensamento sem palavra?

Como constituir um corpo que reivindique um pensamento sem palavras? Que suscite uma escrita ao som, ao sabor, à visão, à textura, à palavra outra dos afetos?

“O que atrapalha ao escrever é ter de usar palavras.” (LISPECTOR, 2013, p. 137).

“*Não há como explicar em palavras o sabor de um kiwi. O que se pode, talvez, é saboreá-lo novamente*” (Fragmentos do diário de banalidades de pesquisa⁴, relato de um professor, 2016).

“O sabor de uma fruta está no contato da fruta com o paladar e não na fruta mesmo. No impossível é que está a realidade.” (LISPECTOR, 2013, p. 65).

Desprendidas de si experiência e palavra entrecruzam-se. Uma experiência que já é outra. Uma palavra outra. Um engendramento experiência-palavra, no aqui agora da escrita.

Uma desterritorialização - uma experiência-palavra. Talvez uma relação entre a vida e a morte, como aquilo que habita um território híbrido, experiência-palavra sustenta e é sustentada pelo que a afeta, por intensidades de forças.

Um desejo impõe-se e sucumbe-se em escritas de vida. Por vezes, é assolador, e incompreensivo. Por outras, é silenciador e suicida.

E quando o silêncio assume?

O tempo desmonta-se, e as rédeas da duração Cronos lança-se ao tempo Aion⁵.

E o fim da escrita de um texto, não se faz na palavra última, pois não há uma linha que demarca a palavra primeira e a palavra última, o que há é apenas fluxos de intensidades. Uma palavra que se insinua e se esvai nessa intensidade não tem relação com início e fim. Apenas o aqui agora da experiência-palavra compõe a escrita, na potência da palavra primeira e última, no fluxo embriagado e atravessado de uma palavra que se esvai em primeiro e em último.

Produzir um novo pedaço de terra atravessado pela escrita: *ethos*

Que forças reivindicam uma escrita de banalidade, que acaba por se tornar uma outra banalidade em si?

[...] poderemos tomar a palavra, nossa palavra? Há alguma coisa para ser dita? Há alguma coisa para ser escrita? E, em relação a essa tentação para o expressionismo e para a produtividade da palavra: há alguém ali, por dentro do que é dito, por dentro do que é escrito? E, ainda mais: se a questão é apenas um problema sobre quem emite e o que se emite, há alguém do outro lado que escutará e lerá? Alguém que, simplesmente, deseje uma parada, uma pausa? (SKLIAR, 2014, p. 23)

Essa escrita, escrita de banalidades, por vezes, anda lado a lado com uma certa ilegibilidade. Uma escrita que faz um escritor. Um escritor não é autor. “Autor é um sujeito de enunciação [...]. O escritor inventa agenciamento a partir de agenciamentos que o inventaram, ele faz passar uma multiplicidade para outra”. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 42).

⁴ Os fragmentos presentes neste texto são relatos registrados no diário de banalidades, produzido no processo de doutoramento da autora, a partir da vivência em sala de aula, da disciplina de Ensino de Matemática, em 2016, de graduandos do curso de Pedagogia, de uma faculdade particular de Juiz de Fora.

⁵ Deleuze em seu livro “Lógica dos sentidos” (1969/1998, p. 167 - 173) traz duas leituras do tempo: Cronos - tempo cronológico, só o presente existe. Nessa configuração, o passado e o futuro são dimensões associadas ao presente; Aion – são efeitos incorpóreos, uma temporalidade não mensurável, e não sucessiva.

Uma escrita que deseja cair nos percalços de um acaso, na frivolidade de uma banalidade. Que além disso, advém daquilo que nos acontece de uma palavra caída e derivada de um intempestivo da vida. De uma experiência que dá passagem a um modo de respirar de outra maneira, que está no limite da vida e da morte e que produz um novo pedaço de terra atravessado pela escrita.

“O tempo aqui passa mais rápido do que na minha cidade. Fico até tonta. Às vezes, nem sei mais para onde vou.” – diz aquela que se perde em uma sala de aula de formação de professores. (Fragmentos do diário de banalidades de pesquisa, relato de um professor, 2016).

Uma vida que se inventa, uma escrita que se perde no labirinto do tempo.

Em um labirinto habitar é perder-se. Em um tempo acelerado, habitar é perder-se.

Um corpo, que não tem tempo, é atravessado por uma aceleração que o impede um pouso, que o impede uma parada. Habitar um espaço e um tempo sem parada é perder-se?

[...] perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfileiro. Essa arte aprendi tardiamente; ela tornou real o sonho cujos labirintos nos mata-borrões de meus cadernos foram os primeiros vestígios. Não, não os primeiros, pois houve antes um labirinto que sobreviveu a eles. O caminho a esse labirinto, onde não faltava Ariadne [...] (BENJAMIN, 1987, p. 73).

Estar no movimento produzido por esse labirinto, seguir e ser conduzido por fios de Ariadne. Que fios de Ariadne nos levam a pousar em uma banalidade e dar mais tempo ao que pede um tempo um pouco maior? Como se constitui um corpo que pousa na banalidade? Como constituir um corpo professor que espera diante de uma formação acelerada? Como constituir um modo de habitar na formação de professores que não sucumba a um sentimento, a um desencadeamento, a uma aceleração?

Que formação ética-estética-política é possível produzir paradas nessa aceleração, dar um pouco mais de tempo, ao tempo que se ‘pede’?

Que formação ética-estética-política é produzida em uma banalidade?

Que formação ética-estética-política é reivindicada através da escrita de uma banalidade?

Na estética da velocidade, por vezes, um corpo acelerado é requerido. Um sentir acelerado finda-se em sentimentos. Na ética da velocidade um corpo é submetido a uma lógica. Uma lógica que não percebe o instante, só desencadeamentos lineares são prefigurados. Na produção de uma política da velocidade produz-se uma aceleração. O que está em jogo é o acontecido.

Uma ‘estética’ da experimentação, na potência da improvisação, produz possibilidade de fuga que habita territórios outros e que, por sua vez, engendra-se em uma política que invade o poder da decisão, sucumbindo ao fluxo do desejo.

Uma ‘ética’ da experimentação da vida produz uma ‘estética’ que se imprime no viver, num estilo de vida, numa necessidade apresentada à prova do eterno retorno. “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes.” (NIETZSCHE, 1882/2012, p. 139).

Produção de uma estética e uma ética específicas devêm uma ‘política’. Cada escolha é uma renúncia ou infinitas renúncias.

[...] eis então o que seria necessário fazer: instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e ali conjunções de fluxos, experimentar segmento por

segmento dos contínuos de intensidades, ter sempre um pequeno pedaço de uma nova terra. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 27)

Uma produção de um pequeno pedaço de uma nova terra faz-se em um aprender na e com uma escrita. “Para escrever o aprendizado é a própria vida se vivendo em nós e ao redor de nós.” (LISPECTOR, 2013, p. 149).

Escrever, então, torna-se uma produção de um *ethos*.

O termo *ethos* tem origem de dois vocábulos gregos *ethos* (com eta inicial) e *ethos* (com épsilon inicial).

No primeiro caso *ethos* (com eta inicial) refere-se a morada do homem. Neste sentido “nunca a casa do *ethos* está pronta e acabada para homem, mas por ele construído ou incessantemente reconstruído.” (VAZ, 2013, p. 12).

No segundo significado de *ethos* (com épsilon) diz a respeito ao comportamento, ao costume. Nele está presente o processo de formação do hábito. “O *ethos* como costume, ou na sua realidade histórico-social, é princípio e norma dos atos que irão plasmar o *ethos* como hábito”. (VAZ, 2013, p. 15).

Uma produção de um *ethos*, com e na escrita de banalidades, no habitar um diário de banalidades, uma formação de professores, produz moradas que nunca estarão construídas ou acabadas. Um habitar moradas estranhas que já se fizeram cotidianas, mas que estão a todo tempo demandando na formação de professores.

Enfim, uma proposta de escrita diária disparada por afetações, que nesse mundo acelerado interroga as banalidades concebidas como naturalidades e assim produz um *ethos* na formação de professores.

Referências

ALCANTARA, Clarissa de Carvalho. *Corpoemaprocesso / teatrodesessência*. 2005. Tese de Doutorado. UFSC, Florianópolis, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Rua de mão única*. v. 2. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Plátos: capitalismo e esquizofrenia*. v. 2. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LISPECTOR, Clarice. *As Palavras*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. (1882). Tradução: Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2012.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de filosofia II: ética e cultura*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2013.